

## A paternidade na adolescência e seu significado entre os jovens universitários que a vivenciaram

*Paternity in adolescence and its meaning among young academics that lived it*

*Elaine Ribeiro Paula<sup>1</sup>; Cléria Maria Bittar<sup>2</sup>;  
Marta Angélica Iossi Silva<sup>3</sup>; Maria Aparecida Tedeschi Cano<sup>4</sup>*

1. Enfermeira. Mestre em Promoção de Saúde pela Universidade de Franca. Docente do Centro Universitário de Patos de Minas-MG.
2. Psicóloga. Doutor. Orientador do Curso de Mestrado em Promoção de Saúde da Universidade de Franca.
3. Professor Doutor do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Centro Colaborador da OMS para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem.
4. Enfermeira. Livre-Docente pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP. Orientadora do Curso de Mestrado em Promoção de Saúde da Universidade de Franca

---

**Resumo:** Adolescência, do latim *adolescere* (crescer) é uma fase da vida que pode ser definida em sua dimensão psicobiológica, histórica, política, econômica, social e cultural. A experiência sexual precoce vem juntamente com o uso esporádico do contraceptivo, nas primeiras e nas subsequentes relações sexuais, tendo como consequências a gravidez precoce, as DSTs e a paternidade. Há anos a gravidez na adolescência vem ocupando o cotidiano dos profissionais da saúde, ela é estudada em todos os seus aspectos, da etiologia à prevenção, mas normalmente é relacionada à adolescente grávida, deixando de lado seu parceiro, que pode ser também adolescente. A paternidade adolescente permanece praticamente inexplorada no meio científico em geral, e socialmente pouco abordada. Assim este estudo teve por objetivo conhecer o significado da paternidade na adolescência entre estudantes universitários que a vivenciaram. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa. A coleta de dados baseou-se em entrevista não estruturada. O tratamento dos dados baseou-se na análise de conteúdo, por meio da qual delinear-se dois núcleos de sentido: 1. *Entre o choque e o afeto*; 2. *Orientação sexual e contracepção*.

**Palavras-chave:** Adolescência, Paternidade, Família.

**Abstract:** Adolescence, from Latin *adolescere* (to grow) is a phase of life that can be defined in its psychobiologic, historical, politics, economical, social and cultural dimensions. This precocious sexual experience comes together with the sporadic use of contraceptive, in the first and in the subsequent sexual relationships, having as consequences the precocious pregnancy, DSTs and paternity. For years pregnancy in adolescence has been occupying the daily-life of health professionals, and has been studied in all its aspects, from etiology to prevention, but it is usually related to the pregnant adolescent, by excluding the partner, that can also be a teenager. Adolescent paternity stands practically unexplored in the scientific means in general, and socially little approached. This way this paper aimed at understanding the meaning of paternity in adolescence among students who lived it. The methodological referential is of qualitative nature and the collection of data based on a non-structured interview beginning from a guide.

The treatment of the data was based on the Analysis of Content. We identified two sense nuclei: 1. *between shock and affection*; 2. *sexual orientation and contraception*.

**Keywords:** Adolescence, Paternity, Family.

## **Introdução**

A adolescência é a trajetória do indivíduo em transição, e é neste período de vida que ocorrem grandes transformações somáticas, psicológicas e sociais. Podemos perceber que ao lado de importantes mudanças corporais ligadas ao crescimento e à maturação sexual, destacam-se aquelas que envolvem o desenvolvimento propriamente dito (SAITO, 2001; COLLI, 2003).

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a juventude compreende o período dos 15 aos 24 anos, e a adolescência dos 10 aos 19 anos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente define a adolescência entre 12 e 18 anos (BRASIL, 2005).

As modificações físicas constituem a parte da adolescência denominada puberdade, caracterizada principalmente pela aceleração e desaceleração do crescimento físico, pela mudança da composição corporal e eclosão hormonal, e pela evolução da maturação sexual, que pode ser acompanhada pelo desenvolvimento de caracteres sexuais secundários masculinos e femininos (SAITO, 2001).

Evoluem paralelamente às mudanças corporais aquelas de ordem psicoemocional, que foram por Knobel e Aberastury (1981) reunidas e que caracterizam a Síndrome da Adolescência Normal. Constituem características importantes dessa síndrome a busca da identidade, a tendência grupal, o desenvolvimento do pensamento conceitual, a vivência temporal singular, a evolução da sexualidade, havendo, por vezes, um descompasso entre o corpo pronto para a reprodução e o psíquico despreparado para esse evento.

O adolescente, na inquietude de conhecer a vida, vê o mundo multiplicado na sua dimensão, seus sonhos e suas fantasias refletem um universo imenso e eterno, e a sua busca do equilíbrio entre o real e o imaginário é uma das tarefas mais importantes desta fase do ciclo evolutivo vital.

A partir do ponto de vista psicológico, o adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas, mostra períodos de introversão, alternando com audácia, timidez, descoordenação, desinteresse ou apatia, que se sucedem ou são concomitantes com conflitos afetivos, crises religiosas, as quais pode oscilar do ateísmo anárquico ao misticismo fervoroso, intelectualizações e postulações filosóficas, ascetismo, condutas sexuais dirigidas para o heteroerotismo e até a homossexualidade ocasional (FAUSTINI, 2003).

Os adolescentes ancoram-se no chamado pensamento onipotente que lhes permite enfrentar os medos diante do desconhecido, as incertezas e o descontrole sobre as transformações físicas pelas quais passam. Eles enfrentam o mundo e acham que têm controle de tudo e nada de mal pode lhes acontecer. Confiantes desta fábula para enfrentar a realidade, frequentemente não vinculam a prática sexual com a possibilidade da gravidez indesejada (SAITO, 2001).

Há anos a gravidez na adolescência vem ocupando o cotidiano dos profissionais da saúde. Ela é estudada em todos os seus aspectos, da etiologia à prevenção, mas normalmente é relacionada à adolescente grávida. Ao se pensar em gravidez na adolescência, não se deve descartar o fato de que parte dos parceiros das mães adolescentes é adolescente também.

Em levantamento do CAISM (Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher), da UNICAMP, detectou-se que 13% dos parceiros das adolescentes tinham entre 14 e 16 anos, e 22,5% deles entre 18 a 19 anos; portanto, quase 40% dos parceiros das adolescentes desse grupo estudado eram também adolescentes, confirmando as observações informais (TAKIUTI, 2004).

Quando se estudam os temas maternidade e paternidade na adolescência, observamos que os estudos abordando a maternidade são bem superiores ao de paternidade, configurando uma tendência apontada pela literatura de reduzida porcentagem de pesquisas sobre paternidade adolescente. No Brasil, há aproximadamente 30 anos, a temática da gravidez na adolescência tem preocupado profissionais de saúde, assim como diferentes segmentos sociais; entretanto, a maior parte dos estudos aborda as questões relacionadas ao sexo feminino, possivelmente resultado da influência socio-cultural na qual a mulher é considerada a principal responsável pela gestação e pelo cuidado com a criança (MEINCKE; CARRARO, 2009).

De acordo com Corrêa (2005), a paternidade adolescente permanece praticamente inexplorada no meio científico e socialmente pouco abordada. Quando enfocada, surge como objeto de preocupação, com uma abordagem preventiva e punitiva, ou seja, a paternidade adolescente deveria ser evitada, mas se esta ocorrer, o jovem deve assumi-la com o casamento.

É essencial vislumbrar o adolescente que se torna pai, pois ele carece de assistência na paternidade; é necessário oferecer a ele a mesma assistência oferecida à gestante. Os serviços de saúde devem de forma igualitária, promover ações educativas, preventivas em relação à DST, à gravidez indesejada e à paternidade.

A ausência de dados sobre a população masculina, ou seja, de pais, nos Sistemas Oficiais de Informação, relacionados aos Nascidos Vivos (SINASC) e à Saúde Reprodutiva (IBGE), evidencia a necessidade de adequação desses sistemas para a viabilização de pesquisas e ações estratégicas na prevenção da gravidez precoce e paternidade entre adolescentes. Considera-se que há a necessidade de se inserir o homem no contexto das ações de Saúde Reprodutiva para maior integração e participação destes nas decisões e responsabilidades diante da saúde e cuidados com os filhos (COSTA, 2002).

Segundo Cabral (2003) e Costa (2002), é importante que sejam desenvolvidas novas investigações sobre o tema, porque, mesmo que os pais adolescentes sejam ainda classificados como ausentes, muitos vêm assumindo o seu papel, acompanhando suas namoradas em função de uma vontade pessoal e não somente por pressões familiares e/ou sociais.

Pressupomos que apesar de o impacto da paternidade na adolescência ser semelhante, cada jovem pertence a uma família com contextos sociais e culturais diferentes, o que determina assumir ou não essa paternidade. Também pressupomos que jovens que foram pais na adolescência, hoje mais amadurecidos, não pensam em casar-se, ou viver juntos com a antiga companheira, mãe de seu filho.

A partir dessas considerações, torna-se relevante, então, conhecer e compreender o significado da paternidade na adolescência entre estudantes universitários que a vivenciaram, identificando sua relação com o futuro acadêmico e suas consequências na vida pessoal, bem como a relação dos jovens que foram pais na adolescência com seu filho e a mãe de seu filho.

## **Metodologia**

Este estudo é de natureza qualitativa, partindo da compreensão de que a paternidade na adolescência é um processo que envolve os adolescentes e suas famílias. Du-

rante esse processo, esses atores sociais participam com diferentes experiências de vida, cultura, situação socioeconômica, familiar, e visões de mundo.

Neste sentido, acreditamos que a percepção desses atores sociais pode ser mais bem compreendida a partir de uma abordagem qualitativa. Essa abordagem permite que o pesquisador tenha uma maior interação com o sujeito, em que tanto um quanto o outro são construtores de um conhecimento que poderá ser usado em prol da população estudada, no caso os adolescentes.

A abordagem qualitativa contribui para emergir a visão, os juízos e as observâncias a respeito dos fatos e das relações que compõem o objeto, do ponto de vista dos interlocutores. É preciso saber buscar aquilo que não se vê com tanta facilidade e para tal busca é necessário ter grande percepção crítica e ser capaz de valorizar o mundo simbólico e o seu questionamento (DEMO, 2004).

A coleta dos dados se apoiou na realização de entrevistas não estruturadas. Para a realização das entrevistas individuais seguimos os seguintes princípios: (i) privilegiar jovens universitários, nossos atores sociais, que detêm os atributos que pretendemos conhecer, ou seja, jovens que haviam passado pela experiência da paternidade na adolescência. Isso significa um cuidado para a escolha do lócus e do grupo que contenham o conjunto das experiências e expressões que se pretende objetivar com a pesquisa; (ii) tê-los em número suficiente para permitir a reincidência e homogeneidade das informações; (iii) considerar a possibilidade de inclusões sucessivas de sujeitos até que seja possível uma discussão aprofundada das questões de pesquisa.

No presente estudo todos os jovens universitários, alunos de graduação no Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), foram estimulados a participar da pesquisa. Para tanto a pesquisadora visitou as classes e explicou o objetivo da mesma; no entanto, os sujeitos de nossa pesquisa que se apresentaram como voluntários, aceitando falar sobre sua experiência de terem sido pais na adolescência, foram três jovens com idade atual ao redor de 21 anos.

A escolha dos sujeitos baseou-se na afirmativa de Minayo (2007) de que a pesquisa qualitativa trabalha com pessoas, atores sociais, em relação a grupos sociais e privilegia os atores sociais que detêm os atributos que se pretende conhecer, efetuando entrevistas em número suficiente para permitir certa reincidência de informações e garantindo que estas contenham o conjunto das experiências e expressões de vários elementos informantes.

Foi elaborada uma questão norteadora para iniciarmos a entrevista: *“Me fale de sua experiência de ter sido pai na adolescência”*. Depois algumas questões como *“você assumiu a paternidade?”*, *“você mantém algum tipo de relacionamento com a mãe de seu filho?”*, *“você convive com o seu filho?”* ou *“você recebeu alguma orientação sobre sexualidade?”*. Tais questionamentos poderiam ser abordados durante a entrevista, se os entrevistados nada mencionassem a esse respeito, de forma a conhecermos melhor a vida pessoal e social dos jovens pais.

Durante a entrevista também foram anotadas informações por meio do diário de campo, privilegiando registros que não aparecem na entrevista, como choro, riso, silêncio, caretas, entre outros e que podem ser objetivos ou subjetivos em cada entrevista (CORRÊA, 2005).

As entrevistas se realizaram na própria universidade, em dia e horário marcado pelos jovens, e foram gravadas com o seu consentimento prévio. Permitiu-se que eles falassem sem tempo delimitado, pois alguns de nossos entrevistados tinham certa timidez e as entrevistas duraram de 25 a 30 minutos.

Para uma melhor compreensão dos dados obtidos em nossa pesquisa, tomamos como referencial a proposta da Análise de Conteúdo elaborada por Bardin (1977) e citada por Minayo (2007). Várias técnicas são propostas para a Análise de Conteúdo.

Nesse caso, utilizamos a modalidade de Análise Temática que, segundo Minayo (2007), é a mais adequada aos estudos qualitativos em saúde.

A Análise Temática se fundamenta no tema que está ligado a uma afirmação a respeito de um assunto, podendo ser representado por palavras, frases ou resumos, além do fato de se definir tema como a unidade de significação que se liberta naturalmente do texto analisado, segundo critérios relativos à teoria e que serviu de guia à leitura. A Análise Temática tem como objetivo desvelar os núcleos de sentido que aparecem nas mensagens, cuja frequência tem alguma representação para o objeto estudado (MINAYO, 2007).

Sobre o material obtido por meio das entrevistas, realizaram-se as análises em três etapas, sendo elas: 1. Ordenação de dados com a transcrição das gravações, releitura do material e organização dos relatos; 2. Classificação ou exploração dos dados para a elaboração dos núcleos de sentido; 3. Análise final ou tratamento dos resultados obtidos, quando são estabelecidas as articulações entre os dados e as teorias (MINAYO, 2007).

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Franca, sob o número 001130/80 e devidamente autorizado pelo Reitor do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), em cumprimento à Resolução n.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

## **Resultados e Discussão**

No conjunto das falas dos jovens entrevistados, evidenciaram-se dois núcleos de sentido: 1. *Entre o choque e o afeto*; 2. *Orientação sexual e contracepção*.

### ***Entre o choque e o afeto***

Neste núcleo de sentido vamos retratar o impacto da notícia da gravidez da parceira e a realidade de ser pai. Os sujeitos de nossa pesquisa relatam as mudanças em suas vidas, as novas responsabilidades e até a imaturidade em relação a ser pai.

Os adolescentes tinham uma ideia vaga das possíveis modificações pessoais decorrentes do nascimento de seu filho, não conseguindo expressar claramente em que aspectos estas ocorreriam, muitas vezes acreditando que não seria tão radical quanto comumente se fala, como podemos perceber nas falas a seguir:

- E1.** *A vida muda, parece que a gente tem que ser mais responsável.*
- E2.** *É muita responsabilidade (risos), sei lá, eu saí de um lugar que não há preocupação com nada, só se preocupa com a sua vida, mas de repente você tem que saber que outras pessoas dependem de você, quer dizer uma responsabilidade que veio rápido demais e que no começo é complicado.*

Predominou nestas falas a incerteza quanto a si mesmo no futuro, uma dificuldade de imaginar as modificações impostas pela nova vida, que poderia refletir uma dificuldade de pensar além da experiência da gravidez ou até mesmo o desconhecimento da situação. Por serem naquele momento futuros pais, tais mudanças exigiam posturas de adulto e nem sempre eles se achavam aptos a tal atitude.

A gestação e o nascimento constituem para a mulher e para o homem fases de mudanças, com transformações e inseguranças que acompanham o desenvolvimento de novos papéis e responsabilidades antes ignoradas; entre estas, as responsabilidades relacionadas com o filho, com o lar e família (FREITAS, 2007).

Na fala de um dos jovens entrevistados, percebemos que ele se considerava jo-

vem demais para ser pai, e para reforçar seu discurso, afirmava a suposta autoridade da mãe sobre si, quando esta lhe impunha horários para chegar em casa:

**E3.** *Ah! No início foi muito complicado porque eu era muito novo, com 17 anos, minha mãe deixava eu sair, mas meia-noite tinha de estar em casa, assim foi muito difícil por causa do momento.*

De maneira geral, notou-se na fala dos entrevistados uma imaturidade quando se colocaram como pais, talvez porque projetar-se como pai iria colocá-los na realidade das responsabilidades que teriam de assumir e pelas quais não se sentem preparados.

As dificuldades para os jovens pais são muitas: eles recebem menos informações sobre gravidez que as companheiras e participam menos desta fase; alguns adolescentes passam por dificuldades financeiras familiares e não têm uma profissão que os capacite a um bom trabalho. Tais fatos podem contribuir para que poucos possam assumir e concretizar a responsabilidade pela paternidade (CARVALHO, BARROS, 2000).

Para Almeida e Hardy (2007), há uma vulnerabilidade do adolescente que se torna pai decorrente da socialização de gênero nos moldes tradicionais, e em função desta característica social, para alguns homens, na experiência da paternidade pode ocorrer um distanciamento do processo da gravidez, com a possibilidade de esta se manter mesmo após o parto, estando relacionada com a ambivalência deste período, ou com a imaturidade do parceiro

A gravidez na adolescência pode ser inesperada ou programada, pode resultar em vínculos com separações posteriores, ou mesmo em relações estáveis e duradouras, pode resultar em uma paternidade responsável, mas pode também não resultar em nenhum vínculo (HEILBORN et al, 2002).

Muitos jovens estão se conscientizado e assumindo a paternidade de modo mais responsável, valorizando a importância de sua participação na vida e na vida dos seus filhos. A paternidade pode ser considerada uma oportunidade para expressar sentimentos e participação ativa no cuidado dos filhos (CARVALHO, BARROS, 2000).

Dois sujeitos da pesquisa demonstraram a satisfação de ser pai. Mesmo que esta paternidade tenha aumentando suas responsabilidades, o amor e o afeto estão presentes nas seguintes falas com relação ao filho:

**E1.** *Tenho muito contato com meu filho, vejo ele 3 vezes por semana, é um menino lindo de quatro meses, ri quando eu jogo ele pra cima...*

**E2.** *Vivo com meu filho, é um menino carinhoso tanto comigo quanto com a mãe, meu filho não tem defeitos (risos).*

Almeida e Hardy (2007, p. 571) evidenciaram, em seu estudo com pais adolescentes, que após o nascimento do bebê a paternidade foi percebida como algo enaltecido e que trouxe satisfação aos entrevistados. Para Costa (2002) os jovens tentam viver a experiência de ser pai, rompendo estereótipos do passado e se aproximando dos aspectos afetivos dessa relação no presente, de modo que ser pai é compreendido como de ser provedor, mas também com espaço para a emoção e o afeto.

Para alguns adolescentes uma criança é considerada muito importante, às vezes elas estão na base da fundação da família, tanto que para um de nossos entrevistados a união foi precipitada pela gravidez, como podemos observar em sua fala:

**E2.** *Eu já tinha praticamente casado, então quando ela ficou grávida a gente já era noivo, então tava meio previsto, mas.... foi meio prematuro, mas não foi nada fora do que a gente tinha planejado da nossa vida não''.*

No entanto, existe certa contradição neste discurso: em um momento parece que tudo estava bem definido, previsto, entretanto nosso entrevistado se trai quando usa o termo *prematureo*.

Alguns pais adolescentes assumem a gestação da parceira e continuam a conviver com ela após o nascimento do filho, o que ajuda a manter um relacionamento próximo com a criança. A fala a seguir mostra esta realidade:

**E-3.** *Vivo com meu filho, é um menino carinhoso tanto comigo como com a mãe.*

Independentemente de serem adolescentes, os pais na atualidade estão tendo de refletir a paternidade, questionando antigos valores e definições, abrindo-se à possibilidade de uma nova forma de vivenciar este papel. Ser pai hoje em dia é, certamente, caminhar por um terreno desconhecido, antes e depois do nascimento dos filhos. As referências passadas, não são mais suficientes para dar conta das demandas da paternidade na atualidade. Reinventar e redefinir o lugar do pai na família e na sociedade é certamente um dos grandes desafios dos homens e mulheres da contemporaneidade (BORNHOLDT, WAGNER, STAUDT, 2007).

No entanto, na fala de um dos entrevistados percebeu-se um distanciamento em relação à filha: esta fala foi importante, pois se percebe que nela existe uma dificuldade de entender a paternidade, porque o entrevistado não sabe como deve ser um “modelo de pai”.

**E3.** *“Minha adolescência foi meio conturbada, devido eu viver numa família com minha mãe e um padrasto alcoólatra”.*

A criança precisa do par conjugal para construir dentro de si a imagem positiva das trocas afetivas e da convivência, conforme definem Gomes e Resende (2004). Ainda segundo estes autores, a experiência da paternidade depende da relação vivida entre pai e filho no passado, o que influencia o modo como o jovem compreende e assume a sua masculinidade, para sua realização como pai. Ele busca referências em seu próprio pai, encontrando, muitas vezes, o modelo de pai distante e pouco envolvido afetivamente. Este referencial de masculinidade ainda hegemônico faz com que o filho incorpore esse modelo, construindo uma subjetividade distanciada da valorização do afeto.

**E3.** *Eu vejo minha filha uma vez por ano.*

Evidenciamos que para este jovem entrevistado, não houve uma experiência positiva de paternidade, o que o leva a visitar a filha uma vez por ano, como colocado acima.

Outro aspecto importante a ser destacado refere-se à continuidade dos estudos, após a experiência da paternidade. Observou-se que esta pode interferir na vida acadêmica no sentido de retardar o curso ou até impedi-los completamente:

**E3.** *É, eu precisei parar de estudar, ir trabalhar para mandar a pensão... é difícil.*

Para este entrevistado a paternidade interferiu negativamente nos seus estudos, seja numa dedicação menor aos mesmos, ou numa completa incompatibilidade de conciliação. Notou-se durante a entrevista na fala deste jovem um tom de revolta, pois sua precariedade financeira não permitiu a associação do pagamento da pensão alimentícia para a filha e as mensalidades da faculdade.

A paternidade na adolescência pode provocar entre os rapazes das classes po-

pulares uma necessidade de maior compromisso em trabalhar, mas isso não muda a natureza desta relação com a necessidade de se trabalhar desde muito cedo, muitas vezes abandonando a escola, lutando contra o desemprego e assumindo os empregos disponíveis e da melhor maneira possível no âmbito de suas duras condições materiais de existência.

A situação de classe e os constrangimentos de gênero são mais relevantes para a trajetória escolar e de trabalho dos adolescentes do que a ocorrência ou não da paternidade nessa fase da vida (HEILBORN *et al.*, 2002). Para um dos participantes da pesquisa a paternidade não foi empecilho à continuidade dos seus estudos, pois ele tinha o apoio familiar.

**E1.** *Não interferiu não, minha família me apoiou...*

A paternidade adolescente na classe média causa pequeno impacto nos projetos e trajetórias escolares e profissionais do sujeito, porque não há comprometimento nos estudos nem aceleração ao ingresso no mercado de trabalho, conforme Heilborn *et al.* (2002). Ainda estes autores colocam que os avós são importantes para a nova família, quer porque prestam apoio emocional, quer por se preocuparem com a família ou ainda porque ajudam nas necessidades materiais e financeiras. Contribuem também com a experiência de vida para resolver situações difíceis para os jovens pais. Muitos jovens que ainda não garantem seu autossustento continuam a receber mesada e ter seus cursos superiores pagos pelos pais.

A paternidade não é concebida apenas como *fazer filhos*, ela está relacionada também à capacidade de sustentá-los e educá-los. Sustentar os filhos é uma responsabilidade considerada socialmente como masculina, o que coloca o trabalho remunerado dos homens como referência fundamental nas concepções sobre paternidade e masculinidade (COSTA, 2002).

Na adolescência, gravidez, maternidade e paternidade ocorrem inesperadamente, acarretando uma série de episódios negativos que vão interferir no processo de crescimento e desenvolvimento de alguns adolescentes, na aceitação ou rejeição familiar e dos amigos e na existência de restrições socioeconômicas (CANO, 2007).

Em nossa pesquisa, neste núcleo de sentido, os entrevistados mostraram sua preocupação com o futuro, por sentirem que a partir da gravidez da parceira deveriam assumir responsabilidades, e a vida mudaria. Um dos entrevistados se considerava muito jovem para ser pai, mas demonstrava afeto pelo filho, como vemos a seguir:

**E3.** *Ah! No início foi muito complicado porque eu era muito novo, com 17 anos, minha mãe deixava eu sair, mas meia-noite tinha de estar em casa, assim foi muito difícil por causa do momento.*

Cabe neste momento trazer os dados da pesquisa de Meincke e Carraro (2009), que evidenciaram que, se de um lado, o processo de paternidade se torna importante para o adolescente, por outro, pode aflorar um sentimento negativo de vergonha por ter se tornado pai nesta faixa etária. Segundo as autoras, outros estudos com pais adolescentes têm abordado esse sentimento, emergindo como negativo.

Mas as mesmas autoras apontam que o apoio familiar neste momento passa a ser decisivo para a aceitação e vivência da paternidade, e o adolescente se sente mais seguro, principalmente quando existe a colaboração financeira que permite entre outras coisas a continuidade dos estudos.

## **Orientação sexual e contracepção**

Este é o segundo núcleo de sentido de nossa pesquisa e, pelas falas dos sujeitos, percebe-se que eles não receberam educação sexual de seus pais, seu aprendizado foi direcionado pela observação e pelas informações de revistas e jornais, relatos de amigos, de pessoas mais experientes, parentes e às vezes na escola, mencionada apenas como local de informação entre amigos, como podemos ver a seguir:

- E1. Hum! Eu sempre fui curioso a respeito de sexo, sou bem informado, meus amigos e as revistas me ajudaram com as dúvidas, minha família indiretamente, eram... Assim indiretas, sabe...*
- E2. Olha, a única orientação que eu tive foi na rua, o que eu aprendi foi em conversa, até na escola, mais entre amigos, de pais assim, não tive nada.*
- E3. Assim, eu não tive orientação sexual, porque até então minha mãe não falava, então assim tudo que eu aprendi começamos a ver no mundo, na sociedade em que morávamos, e tinha sempre um contato nosso com algo que falava sobre... Pelas revistas, jornais, colegas, pessoas mais velhas ou mais jovens, tios.*

Na vida sexual e afetiva dos adolescentes, existe uma convivência do pai e de outros parentes masculinos no sentido de incitar o exercício da sexualidade, mas sem muitas orientações, apenas informações (HEILBORN et al., 2002).

No modelo sociocultural vigente, o conflito que se torna mais evidente neste processo de mudança social é aquele relacionado com a sexualidade dos adolescentes e com a busca do exercício pleno desta sexualidade, levando ao início prematuro da atividade sexual, sem orientação adequada ou sem orientação nenhuma, tanto a respeito de métodos contraceptivos como da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), o que tem contribuído para o elevado número de gravidezes e paternidades indesejadas, abortamentos, com repercussões emocionais, orgânicas e socioeconômicas importantes.

Este início de atividade sexual precoce favorece o aumento do número de gestações na adolescência, e a complicação que mais se associa a ela trazendo danos físicos e emocionais, é o aborto, que se constitui como a décima causa de óbito entre adolescentes brasileiras. Carvalho e Barros (2000) apontam que em São Paulo, em 1996, nos hospitais do SUS foram internadas 53.215 adolescentes com história de abortamentos incompletos, e que precisaram ser submetidas à curetagem ginecológica.

Entendemos que a educação sexual deveria se iniciar em casa, junto à família, com seus valores éticos e morais. No entanto, os pais tentam transferir para a escola a responsabilidade pela discussão das questões de orientação sexual com os adolescentes, por entenderem que os professores estão mais preparados do que eles para essa discussão.

Os professores também se sentem despreparados para orientar seus alunos, muitos são procurados pelos alunos que querem esclarecer suas dúvidas, especialmente os de educação física e biologia. São poucas as escolas que desenvolvem programas de orientação sexual aos seus adolescentes. De maneira geral o adolescente acaba ficando sem uma fonte segura para discutir as questões de sexualidade (CANO, FERRIANI, 2000).

Estes mesmos autores colocam que a família tem um papel pouco relevante para a orientação sobre sexualidade com seus adolescentes. Este fenômeno pode ser de-

corrente de uma série de fatores, entre os quais se destacam a omissão e/ou o despreparo dos pais. Eles sentem dificuldade em abordar as questões de sexualidade junto aos filhos por medo de um diálogo franco e aberto. Eles têm receio de que esse diálogo possa propiciar ou indicar para os jovens que eles já estão prontos para iniciar sua vida sexual. Por outro lado o fato de o pai e a mãe serem trabalhadores obriga-os a um convívio muito limitado com os filhos, o que acaba não permitindo espaço para um diálogo e discussão das questões relacionadas à sexualidade.

Com relação à anticoncepção, as informações fornecidas pelos sujeitos de nossa pesquisa mostraram que eles quando adolescentes não tinham como hábito o uso de qualquer método contraceptivo antes da ocorrência da gravidez. Eram as parceiras que esporadicamente se preveniam, embora eles afirmem que a prevenção da gravidez é função dos dois:

**E1.** *Em minha opinião é responsabilidade do casal.*

**E2.** *É dos dois, não adianta falar que é só da mulher porque ela toma anticoncepcional, não, é dos dois, se ela não lembrar, o outro ele não tem consciência... não escapa.*

A ideia de que a gravidez na adolescência é resultante da falta de informação sobre métodos contraceptivos ainda é bastante corrente, tanto na literatura quanto no senso comum. Nesta perspectiva, para solucionar tal problema bastaria uma boa orientação e discussão com os adolescentes sobre o uso correto dos métodos contraceptivos, bem como a garantia de acesso aos mesmos (CABRAL, 2003).

Embora os participantes do estudo concordem plenamente que a contracepção seja responsabilidade do casal, estes delegaram às suas parceiras este ônus, pois eram elas que tomavam o anticoncepcional. (TRINDADE, MENANDRO, 2002).

Ainda se mantém o antigo padrão de atribuição de responsabilidade reprodutiva à parceira, resultado da influência sociocultural na qual a mulher é considerada a principal responsável pela gestação e pelo cuidado com a criança (MEINCKE; CARRARO, 2009).

O entrevistado a seguir fica na dúvida se a responsabilidade é de fato dos dois, como podemos observar em sua fala:

**E3.** *É mutua, é dos dois, assim... eu acho. Minha namorada tomava comprimido às vezes...*

Existe uma série de dilemas e contradições em torno do controle sobre a gravidez entre as adolescentes. Por um lado, cabe às mulheres exercer o controle sobre a concepção: os métodos anticoncepcionais são predominantemente voltados para as mulheres e, como a gravidez ocorre no seu corpo, elas são consideradas mais responsáveis por esse controle (ALTMANN, 2003).

É interessante notar que nossos entrevistados de certa forma desconfiavam que suas companheiras pudessem estar grávidas, o que coloca em xeque o uso dos contraceptivos que, segundo eles mesmos já afirmaram, deveria ser uma preocupação dos dois.

**E1.** *Eu já desconfiava da gravidez dela, depois ela me falou que estava sentindo tonturas, marcou uma consulta com a médica e ficou sabendo... Mas pra mim não foi surpresa não.*

**E2.** *Primeiro, quando eu peguei os exames, deu pra eu ver que não tinha mais jeito, que eu ia ser pai, aí eu pensei meu pai e a mãe dela iam me matar.*

**E3.** *Foi aí que me deu aquele frio na barriga.*

Ao mesmo tempo em que havia a desconfiança da gravidez, sua constatação pelos participantes da pesquisa parece ter pegado alguns de surpresa. Percebe-se certo medo pelo fato incontestável da paternidade. Nas falas do E2 e E3 evidenciou-se que a notícia da gravidez da parceira causou abalo, medo, notou-se um despreparo natural em decorrência da idade para lidar com a nova situação. Portanto, os relatos dos informantes deste estudo são bastante preocupantes, mostrando negligência em relação à prevenção da gravidez e também das DSTs.

É curioso, pois nota-se que, mesmo após o advento da AIDS e com inúmeras campanhas no sentido da utilização do preservativo, este ainda traz dificuldades para a esfera da relação dos parceiros, pois nas falas dos entrevistados, quando se utilizou algum método nas relações sexuais, a escolhida foi a pílula.

**E3.** *Minha namorada tomava comprimido às vezes.*

Cano et al. (2007), em estudo realizado com jovens universitários na cidade de Franca-SP, encontraram que 66% dos entrevistados faziam uso do preservativo em suas relações sexuais, os demais responderam que “não” ou “às vezes” e outros não responderam a esta questão.

Percebeu-se que apesar de toda a informação já veiculada sobre a AIDS, mesmo aquelas que amedrontam, o conhecimento adquirido sobre o vírus e o modo de transmissão ainda não permitiu aos jovens uma mudança de comportamento para o uso do preservativo (CANO et al. 2007).

O comportamento contraceptivo dos adolescentes é marcado por dificuldades para usar adequadamente os métodos anticoncepcionais, especialmente em vista da maior imprevisibilidade das relações sexuais nesse grupo (ALMEIDA, HARDY, 2007).

Pelas próprias características físicas e emocionais que vivenciam nesta fase da vida, eles ficam expostos a um conjunto de aspectos não apenas individuais, mas também coletivos, contextuais, que acarretam maior suscetibilidade a diferentes riscos e, de modo inseparável, maior ou menor disponibilidade de recursos de todas as ordens para se proteger (AYRES, 2003). Essa análise de vulnerabilidade envolve a avaliação articulada de três eixos interligados: o *componente individual*, que diz respeito ao grau e à qualidade da informação que dispõem sobre o risco, à capacidade de elaborar e incorporar as informações ao seu cotidiano de preocupações e ao interesse e às possibilidades efetivas de transformar essas preocupações em práticas protegidas e protetoras; o *componente social*, que diz respeito à obtenção, assimilação e incorporação de informações que dependem do acesso aos meios de comunicação, escolarização, disponibilidade de recursos materiais, possibilidade de enfrentar barreiras culturais, liberdade para defender-se de coerções violentas etc.; e o *componente programático*, que envolve a existência efetiva e democrática de recursos sociais que os jovens necessitam para se proteger de danos. Quanto maior for o grau e a qualidade de compromisso, recursos, gerência e monitoramento de programas nacionais, regionais ou locais de prevenção e cuidado, maiores serão as chances de canalizar, otimizar o uso e identificar a necessidade de recursos (AYRES, 2003).

A vulnerabilidade não se limita apenas ao indivíduo ou a seu estilo de vida, devendo-se considerar as condições que lhe são oferecidas tanto familiares, como educacionais, sociais e culturais.

Em termos de ações institucionais, a resposta brasileira à complexa crise gerada pelo advento da AIDS considerou a prevenção entre as populações vulneráveis como uma preocupação permanente das instâncias governamentais. O Programa Nacional

de DST/AIDS, seguindo os entendimentos internacionais sobre a doença, incluiu todas as populações ditas vulneráveis em seus programas, entre elas os adolescentes (GUMARÃES, 2001).

Entendemos que é necessária uma rede de apoio para os adolescentes que se tornam pais, visando a que se assumam como sujeitos de suas histórias, que envolvem agora a presença marcante de um filho que precisa de um contexto humano acolhedor para seu desenvolvimento.

De maneira geral neste núcleo de sentido, a contracepção utilizada foi a pílula anticoncepcional, que é uma responsabilidade feminina, embora nas falas dos entrevistados, esta é de responsabilidade do casal. O preservativo masculino, não foi citado em nenhum momento, e a orientação sexual foi baseada em jornais, revistas e amigos. A família e a escola como provedoras de orientação estão ausentes de suas falas. Estes jovens estavam vulneráveis tanto individual quanto socialmente, o que resultou em uma paternidade precoce.

### *Considerações finais*

Esta pesquisa nos permitiu um enfoque no universo dos adolescentes, fazendo-nos perceber como eles lidaram com a paternidade, e nos auxiliou a focar a paternidade na adolescência correlacionando-a com trajetória acadêmica e pessoal desses jovens.

Existe para a maioria dos adolescentes um sentimento de onipotência, pela qual se sentem protegidos e seguros de que nada de mal pode lhes acontecer; há uma ânsia de experimentação, uma pressa desenfreada pela vida, de viver sem medo, e esta tendência pode tornar o adolescente vulnerável a diversos acontecimentos. Dentre estes destacamos as relações sexuais sem uso de preservativos, que são cada vez mais precoces, causando o aumento das doenças sexualmente transmissíveis, gravidez, aborto, maternidade e paternidade.

No decorrer deste estudo, particularmente quando iniciamos as entrevistas com os adolescentes, tivemos a oportunidade de conhecer seu mundo, seus sonhos, ideias e seus projetos para o futuro. Percebemos que os adolescentes necessitam de compreensão e que são capazes, sim, de assumir a paternidade, mesmo cursando uma graduação, se estiverem sustentados por um apoio familiar constante, sendo este destacado pela maioria dos autores estudados como suporte essencial para que os adolescentes possam assumir a paternidade. Apesar de eventuais dificuldades estruturais e pessoais, muitos pais adolescentes parecem conseguir superá-las se tiverem a família a seu lado.

No entanto a paternidade na adolescência entre os rapazes das classes populares pode provocar uma necessidade de maior compromisso em trabalhar, o que faz com que muitas vezes eles tenham de abandonar a escola, lutando contra o desemprego e assumindo os empregos disponíveis e da melhor maneira possível, no âmbito de suas duras condições materiais de existência.

Consideramos que esta pesquisa foi importante, pois favoreceu uma mudança de conceitos, sendo capaz de despertar tolerância, compreensão e sensibilidade para perceber o pai adolescente como responsável e cuidador de seu filho.

O exercício da paternidade entre adolescentes pode ser uma experiência positiva plena de emoções, entre as quais se destacam o apego, o afeto e a cumplicidade com o filho. E eles podem ser bons pais, independentemente da fase de transição pela qual estão passando.

O processo de paternidade se torna importante para o adolescente, mas pode aflorar um sentimento de vergonha por ele ter se tornado pai nesta idade. Vimos que

alguns estudos com pais adolescentes têm abordado esse sentimento que emerge como negativo.

Em nosso estudo alguns dos pais adolescentes assumiram a gestação da parceira: um deles se casou com a mãe de seu filho, outro convive com ela após o nascimento da criança, o que ajudou a manter um relacionamento próximo com o filho, e o outro mantém um relacionamento distante, vendo a filha uma vez por ano.

Observamos que o número de estudos abordando a maternidade é superior ao da paternidade, configurando uma tendência apontada pela literatura de reduzida porcentagem de pesquisas sobre o tema. No Brasil, há aproximadamente 30 anos, a temática da gravidez na adolescência tem preocupado profissionais de saúde, assim como diferentes segmentos sociais. Entretanto, a maior parte dos estudos aborda as questões relacionadas ao sexo feminino, possivelmente, resultado da influência socio-cultural na qual a mulher é considerada a principal responsável pela gestação e pelo cuidado com a criança.

Acreditamos que esta pesquisa tenha despertado mudanças em nosso olhar com relação à paternidade dos adolescentes, e que as considerações aqui apontadas possam ser repassadas aos profissionais de saúde, e desta forma, prestar uma assistência mais humanizada aos pais adolescentes.

### ***Referências Bibliográficas***

ALMEIDA, Faustino; HARDY, Ellen. Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens adolescentes. *Revista de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 41, n. 4, p. 571, abr. 2008.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 9, n. 2, p.100, abr. 2001.

AYRES, J.R.C.M.; FRANÇA JÚNIOR, I.; CLAZANS, G.J.; SALETTI Filho, H.C. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: Czeresnia, D.; Freitas, C.N. (org.). *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005, cap. 6, p.117-140.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Marco legal: saúde, um direito de adolescentes. Brasília: Ministério da Saúde; 2005. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

BORNHOLDT, A.E.; WAGNER, A.; STAUDT, P.C.A. Vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Rev. Psicologia Clínica*, v. 19, n. 1, p. 58, 2007.

CABRAL, C.S. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 2003. Suplemento, p. 283-292.

CANO, Maria Aparecida T.; FERRIANI, Maria das Graças C. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. *Revista latino-americana de enfermagem*. Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 22, abr. 2000.

CANO, M.; ZAIA, J.E.; NEVES, F.R.A.; NEVES, L.A.S. O conhecimento de jovens universitários sobre AIDS e sua prevenção. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 9, n. 3, p. 748-758, 2007.

CARVALHO, G.M. BARROS, S.M.O. Fatores psicossociais relacionados à gravidez na adolescência. *Acta Paul Enf.* n. 1, v. 13, jan./ abr, 2000.

COLLI, S. A. Conceito de adolescência, in: MARCONDES, Eduardo; VAZ, Flávio. A. C. *Pediatria básica: Pediatria Geral e Neonatal*. São Paulo: Sarvier, 2003, cap. 7, p. 655.

CORRÊA, Áurea Christina de Paula. *Paternidade na Adolescência: vivências e significados no olhar de homens que a experimentaram*. 2005. Dissertação (Doutorado) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2005

COSTA, Rosely Gomes. Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 10, n. 2, jul./dez. 2002.

DEMO, P. Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos. Campinas: Papi-rus, 2004, 135 p.

FAUSTINI, T.M.D et al . Programa de orientação desenvolvido com adolescentes em cen-tro de saúde: conhecimentos adquiridos sobre os temas abordados por uma equipe multidisciplinar. *Revista Saúde Coletiva*, v. 8, n. 3. Rio de Janeiro, 2003.

FREITAS, W. M. F et al. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cader-nos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 137-145, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp>. Acesso em 26/ 02/2007.

GOMES, Aguinaldo José da Silva; RESENDE, Vera da Rocha. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v. 20, n. 2, mai./ago, 2004.

GUIMARÃES, B. E. Gravidez na adolescência: fatores de risco, in: SAITO, Maria Ignez; SILVA, Eduardo Vargas da. *Adolescência: Prevenção e Risco*. São Paulo: Atheneu, 2001, cap. 28, p. 295-296.

HEILBORN et al. Aproximações sócio antropológicas sobre a gravidez na adolescência. *Revista Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 8, n. 17, p. 13-45, jun. 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pdf/ha/>>. Acesso em: 06 de out. 2007.

KNOBEL, M; ABERASTURY, A. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Ale-gre: Artes Médicas, 1981, cap. 2, p. 25-58.

MEINCKE, SK; CARRARO, T.E. Vivência da paternidade na adolescência: sentimentos expressos pela família do pai adolescente. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, v. 18, n.1, p. 83-91, 2009.

MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10 ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

SAITO, Maria Ignez; SILVA, Luiz Eduardo Vargas da. *Adolescência: prevenção e risco*. São Paulo: Atheneu, 2001.

TAKIUTI, A.D. Projeto de intervenção da segunda gestação na adolescência no estado de São Paulo. Secretaria de Estado de Saúde de São Paulo. *Projeto de Saúde do Adolescente*, 2004.

TRINDADE, A. Zeidi; MENANDRO, S. C. M. Pais adolescentes: Vivência e significação. *Estudos de Psicologia*. Espírito Santo, p.16, 2002.